

# Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

*What does it matter whom speaks? The disappearance of the author according to Michel Foucault*

Bianca Kelly de Souza\*

---

**RESUMO:** Michel Foucault utiliza em sua conferência denominada “O que é um autor?” a seguinte frase: “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala”. Sua intenção é retratar nestas palavras certa indiferença que constitui para ele o princípio ético fundamental da escrita contemporânea. Foucault desenvolve uma crítica radical à idéia de autor – e mais geralmente do par autor/obra, deixando transparecer uma recusa à categoria de autor e ao gesto biográfico, chegando a defender o anonimato rigoroso. Ele subverte assim, os princípios éticos da autenticidade autoral consagrado a longas datas. O filósofo parte da idéia de que a figura do autor deve ser apagada em proveito das formas próprias aos discursos, o que o conduz a investigar o que este desaparecimento permite descobrir, quais os espaços, as lacunas, e as funções livres que estes espaços deixaram descobertos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autor. Obra. Foucault.

**ABSTRACT:** Michel Foucault uses in his lecture entitled "What is an author?" the following sentence: "What it matters whom speak, someone said, what it matters whom speak." His intention is to portray in these words a kind of indifference that constitutes to him the fundamental ethical principle of contemporary writing. Foucault develops a radical critique to the idea of the author - and more generally of the author / work pair, revealing a refusal to the category of author and the biographical gesture, coming to defend the rigorous anonymity. He subverts so, the ethical principles of authenticity authorial sacred to long-time. The philosopher starts from the idea that the figure of the author should be deleted in favor of the own forms of speeches, which leads him to investigate what this disappearance lets discover, what are the spaces, gaps, and the free functions that these spaces left discovered.

**KEYWORDS:** Author. Work. Foucault.

---

*Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever<sup>1</sup>.*

---

\* Mestranda em Filosofia pela UFU/MG. Contato: prbianca@yahoo.com.br

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 20.

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault
 

---

O objetivo central do presente artigo é promover uma investigação sobre o modo como o filósofo francês Michel Foucault concebe a questão da autoria. Questão que conseqüentemente nos conduz a uma crítica desenvolvida pelo filósofo a noção de “autor”, e a maneira como este foi individualizado na moderna cultura ocidental enquanto portador de uma biografia onde se entrecruzam os fios da vida e os fios da obra.

Podemos encontrar análises sobre a concepção de “autor” em alguns escritos de Foucault da década de 60 como: *Arqueologia do Saber*, *A Ordem do Discurso*, *O que é um autor?* Esse último servirá, em um primeiro momento, de base para nossa investigação, por ser dedicado exclusivamente ao tema. Em seguida acompanharemos alguns rastros deixados pelo filósofo, no sentido de apontar como o pensamento foucaultiano, a todo tempo, deixa transparecer uma recusa à categoria de autor e ao gesto biográfico, chegando a defender o anonimato rigoroso.

O texto *O que é um autor?* Trata-se do registro de uma conferência apresentada por Foucault à *Société Française de Philosophie* em 1969, em que o filósofo aponta como objetivo inicial a tentativa de corrigir algumas possíveis imprudências cometidas em sua obra *As palavras e as coisas*, onde ele tentou aplicar ao arquivo<sup>2</sup>, isto é, à história o princípio de uma leitura das massas discursivas ou planos discursivos que não eram escondidos pelas unidades habituais, do livro, da obra e do autor. Na referida obra Foucault, “Falava, em geral, da “história natural”, ou da “análise das riquezas” ou da “economia política”, mas quase nada de obras ou de escritores”<sup>3</sup>. E quando falou, foi profundamente questionado, por exemplo, pelo fato de não ter descrito Buffon e o conjunto da sua obra corretamente, ou de ter aproximado nomes tão opostos como o de Buffon e o de Lineu, e ter colocado Cuvier ao lado de Darwin.

Foucault tenta justificar tais objeções, destacando que seu real objetivo foi: “(...) encontrar as regras pelas quais eles tinham formado um certo número de conceitos ou de teorias que se podem encontrar nas suas obras”<sup>4</sup>. O filósofo ressalta que procurava simplesmente as condições de funcionamento de práticas discursivas específicas. Após essa justificativa, Foucault dirige suas reflexões a seu principal objeto de investigação nesta conferência, a noção de autor e suas implicações, noção que para ele constitui o momento forte da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas e etc.

Mesmo hoje, quando se faz a história de um conceito, de um gênero literário ou de um tipo de filosofia, creio que tais unidades continuam a ser consideradas como

---

<sup>2</sup> Da *História da loucura* à *Arqueologia do Saber* o arquivo representa para Foucault o conjunto dos discursos efetivamente pronunciados numa época dada e que continua a existir através da história.

<sup>3</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 31.

<sup>4</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 32.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

recortes relativamente fracos, secundários e sobrepostos em relação à unidade primeira, sólida e fundamental, que é a do autor e da obra<sup>5</sup>.

No decorrer de sua análise Foucault opta por suspender temporariamente algumas questões como: a análise histórico-sociológica da personagem do autor, ou como se iniciaram as pesquisas sobre autenticidade, e em que sistema de valorização foi o autor julgado. Seu objetivo é debruçar-se especificamente sobre a relação do texto com o autor e a maneira como o texto aponta para esta figura que lhe é exterior e anterior, pelo menos em aparência<sup>6</sup>.

Foucault toma emprestado de Beckett a afirmação que lhe servirá como ponto de partida: “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala”<sup>7</sup>. Sua intenção é reconhecer nessas palavras, uma “indiferença” que ele acredita dever ser um dos princípios éticos fundamentais da escrita contemporânea. Segundo o filósofo essa “indiferença” pode ser especificada através de dois temas. Primeiro o de que a escrita hoje se libertou do tema da expressão, só se refere a si própria, mas não se aprisiona na forma da interioridade, ela identifica-se com a sua própria exterioridade manifesta. “Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem; é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer”<sup>8</sup>.

O segundo tema trata-se do parentesco da escrita com a morte. Essa ligação nos conduz a lembrar as narrativas e as epopéias dos gregos, destinadas a perpetuar a imortalidade do herói, que aceitava morrer jovem para que sua vida, assim consagrada e glorificada pela morte, passasse a imortalidade. Para Foucault a nossa cultura subverteu esse tema da narrativa destinada a conjurar a morte.

(...) a escrita está agora ligada ao sacrifício, ao sacrifício da própria vida; apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, já que se cumpre na própria existência do autor. A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Veja-se os casos de Flaubert, Proust, Kafka<sup>9</sup>.

Além disso, a relação da escrita com a morte também se manifesta no apagamento das características individuais do sujeito que escreve, a marca do escritor não é mais do que a

---

<sup>5</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 33.

<sup>6</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 34.

<sup>7</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 34.

<sup>8</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 35.

<sup>9</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 36.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

singularidade de sua ausência. A partir desse breve esclarecimento da noção de autor presente tanto na crítica literária quanto na relação escritura/morte, podemos perceber que Foucault começa a delinear no horizonte do seu pensamento o diagnóstico do desaparecimento do autor. Mas, o filósofo ainda não está completamente seguro, pois a construção de tal diagnóstico esbarra em algumas noções que impõe dificuldades à verificação de uma possível supressão do autor, dentre elas podemos destacar a noção de “obra”. Portanto, cabe-nos agora tentar entender como essas dificuldades se constituem para o pensamento foucaultiano.

Ao promover sua análise acerca da noção de obra, Foucault parte dos seguintes questionamentos: O que é uma obra? Em que consiste essa curiosa unidade que designamos de obra? Que elementos a compõe? Uma obra não é o que escreveu aquele que se designa autor? Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém após a sua morte? Se um indivíduo não fosse autor, o que ele escreveu, ou disse, o que ele deixou em seus papéis, poderíamos chamar de obra?<sup>10</sup> Nosso filósofo percebe que há uma grande dificuldade em definir o que é uma obra, devido à inexistência de uma “teoria da obra” que possa conduzir a delimitação da obra de um determinado escritor. Vejamos na citação abaixo algumas dificuldades que levaram Foucault a perceber que a noção de obra é tão complexa, que não seria aconselhável deixar o autor e estudar a obra em si mesmo.

Quando se empreende, por exemplo, a publicação das obras de Nietzsche, onde é que se deve parar? Será com certeza preciso publicar tudo, mas que quer dizer esse “tudo”? Tudo o que o Nietzsche publicou, sem dúvida. Os rascunhos de suas obras? Evidentemente. Os projetos de aforismos? Sim. As emendas, as notas de rodapé? Também. Mas quando, no interior de um caderno cheio de aforismos, se encontra uma referência, uma indicação de um encontro ou de um endereço, um recibo de lavanderia: obra ou não? Mas porque não? E isto indefinidamente<sup>11</sup>.

Além da noção de obra, o pensamento foucaultiano se depara com um outro problema, que é a questão do nome do autor. O autor não funciona como nome próprio, a relação entre o autor e aquilo que nomeia não é isomorfa com a relação entre o nome próprio e o indivíduo que designa. Foucault nos oferece alguns exemplos: Descobrir que Pierre Dupont não é médico ou não vive em Paris não modifica o nexo da designação. Do mesmo modo se descubro que Shakespeare não nasceu na casa que se visita como seu lugar natal, isso não altera o funcionamento do nome do autor. Pelo contrário, se descubro que ele não é o autor dos *Sonetos* ou que é o autor do *Organum* de Bacon, ou que Shakespeare e Bacon são a mesma pessoa, então, modifica-se inteiramente o funcionamento do nome

---

<sup>10</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 37-38.

<sup>11</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 38.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

## Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

do autor<sup>12</sup>. Assim, o filósofo entende que o nome do autor não pode ser um nome próprio como os outros, não é simplesmente um elemento em um discurso. “(...) ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos”<sup>13</sup>.

Nesse sentido, o nome do autor caracteriza certo modo de discurso, ou seja, dizer que um discurso tem um autor, ou que “isso foi escrito por fulano”, significa que trata-se de um discurso que deve ser recebido de uma determinada maneira, em uma determinada cultura e possuir certo estatuto<sup>14</sup>. Foucault constata então, que o nome do autor pode ser doador de sentido e confiabilidade ao texto, e que há em nossa civilização uma quantidade de discursos providos da função-autor. “A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”<sup>15</sup>. A partir dessa constatação a função-autor torna-se objeto de análise do filósofo, que reconhece nela quatro características fundamentais:

A primeira característica da função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que circunda e articula o universo dos discursos. Ou seja, os discursos se tornam objetos de apropriação penal. Os textos, os livros e os discursos começam a ter autores na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, ou seja, na medida em que os discursos se tornaram transgressores.

A segunda característica observada é que a função-autor não se exerce uniformemente e da mesma maneira em relação a todos os discursos, em todas as épocas e em todas as civilizações. Inclusive alguns discursos circulam sem recorrer a um autor como princípio do seu sentido e de sua eficácia<sup>16</sup>. Porém mesmo nos campos que normalmente se requer o autor (a literatura, a filosofia e a ciência) sua função não se realiza da mesma maneira. Por exemplo, na Idade Média o valor científico de um texto provinha de seu autor; a partir do século XVII, no entanto, essa função não cessa de debilitar-se até desaparecer (no discurso científico serve apenas para dar nome a um teorema, a um efeito, a uma síndrome). Já no campo da literatura, a atribuição a um autor não deixou de se fortalecer a partir desse século, enquanto na Idade Média prevalecia o anonimato<sup>17</sup>.

<sup>12</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 43.

<sup>13</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p.44-45.

<sup>14</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 45.

<sup>15</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 46.

<sup>16</sup> Por exemplo: uma carta privada que pode ter um signatário, mas não tem autor; um contrato que pode ter fiador, mas não um autor; um texto anônimo em uma parede de rua terá um redator, mas não um autor.

<sup>17</sup> Observamos que essa segunda característica da função-autor é retomada por Foucault um ano depois em 1970 na sua aula inaugural no Collège de France intitulada “A Ordem do Discurso”. Ver: FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. p. 26-30.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

## Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

Na terceira característica a função-autor não é definida pela atribuição espontânea a seu produtor, é antes, resultado de uma série de operações específicas e complexas que constrói certo ser racional a que chamamos de autor. Para Foucault a maneira como a crítica literária define o autor deriva diretamente da maneira pela qual a tradição cristã determinou a autenticidade. Ou seja, “(...) para “reencontrar” o autor na obra, a crítica moderna utiliza esquemas muito próximos da exegese cristã quando esta queria provar o valor de um texto através da santidade do autor”<sup>18</sup>. Desse modo, o autor permite explicar a presença de certos fatos em uma obra, sua transformação, sua deformação, mas também confere certa unidade aos discursos, permite superar as contradições.

A quarta e última característica apresentada por Foucault, nos mostra que a função-autor não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, pode dar lugar simultaneamente a vários “eus”. Todos os discursos que são providos da função-autor comportam uma pluralidade de “eus”<sup>19</sup>. O sujeito que fala no prefácio de um tratado de matemática não é o mesmo que fala no percurso de uma demonstração ou o que fala das dificuldades e obstáculos que encontrou no decorrer do seu trabalho.

Percebemos até o momento, que o diagnóstico do desaparecimento do autor, possui um caminho repleto de obstáculos e limitações reconhecidas pelo próprio filósofo, ao assumir que tem dado ao termo “autor” um sentido demasiado restrito. Limitando-se ao autor entendido como autor de um texto, de um livro, de uma obra, a quem se pode legitimamente atribuir uma produção.

Para além das restrições que circundam suas análises. Foucault percebe durante o século XIX o aparecimento de tipos de autor bastante singulares e inconfundíveis, designados por ele de “fundadores de discursividades”<sup>20</sup>. Segundo o filósofo, trata-se de autores que não são apenas autores de suas obras, mas também da possibilidade e das regras de formação de outros discursos. Como por exemplo, Marx. A obra *O capital* de Karl Marx estabelece uma possibilidade indefinida de discursos, assim, a sua função-autor excede a sua própria obra. Autores como este, tornam possível uma série de analogias, bem como certo número de diferenças, abrem espaço para outra coisa diferente, mas que pertence ao que eles fundaram. Podemos então afirmar que a instauração de um discurso é heterogênea em relação as suas transformações posteriores. Para Foucault é muito difícil delimitar a função-autor quando se trata dos instauradores de discursividades devido à necessidade de análise de conjuntos mais vastos, como grupos de obras ou disciplinas inteiras.

É importante ressaltar que a tentativa foucaultiana de promover o desaparecimento do autor tem um objetivo estratégico, pois parte da idéia de que a figura do autor deve ser apagada em proveito das formas próprias dos discursos. O que conseqüentemente conduziria o filósofo a investigar o que

<sup>18</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 51.

<sup>19</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 55.

<sup>20</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 58.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

esse desaparecimento permite descobrir, quais suas lacunas e fissuras, e quais as funções livres esse desaparecimento deixa descoberto. Na realidade a supressão do autor permitirá à Foucault averiguar o modo como o conceito de autor funcionou nos domínios de saber. Destacamos aqui, que essa estratégia foucaultiana também foi aplicada ao conceito de homem.

(...) a morte do homem é um tema que permite esclarecer a maneira como o conceito de homem funcionou no domínio do saber. (...) Não se trata de afirmar que o homem está morto (ou que vai desaparecer, ou será substituído pelo super-homem), trata-se, a partir desse tema, que não é meu e que não cessou de ser repetido desde o final do século XIX, de ver de que maneira e segundo que regras se formou e funcionou o conceito de homem . Fiz a mesma coisa para a noção de autor. Contenhamos, pois, as lágrimas<sup>21</sup>.

Já do ponto de vista do método, Foucault está bem próximo da análise estrutural, visto que, não se refere à biografia pessoal ou às características subjetivas do autor, mas as estruturas internas do texto e ao jogo de sua articulação. Talvez por essa vizinhança metodológica que o aproxima de Althusser, Dumézil e Levy-Strauss, que se tem geralmente associado Foucault a corrente estruturalista.

Também é importante elencar outros momentos do pensamento de Foucault que contribuíram para construção de uma concepção crítica da noção autor. Como por exemplo, seu descontentamento com a teorização da escritura na década de 60, através da qual escritores lutavam apenas pela preservação de seus privilégios políticos, o que segundo o filósofo deu origem a obras literárias medíocres envoltas em epistemologia, lingüística e ciência, a fim de terem mais possibilidade de sobrevivência em uma cultura tecnocrática. Tal denúncia condensa a participação de Foucault numa dramática mudança cultural: a morte de uma sensibilidade modernista combinada com uma alteração na imagem política que o intelectual tem de si mesmo<sup>22</sup>.

Tal fato nos possibilita estabelecer uma ligação entre o diagnóstico foucaultiano do desaparecimento do autor e o deslocamento do papel do intelectual na sociedade. Pois, segundo Foucault o intelectual escritor, portador de significações e de valores em que todos podem se reconhecer. Ou seja, aquele que toma a palavra e vê-se no direito de falar enquanto dono da verdade e da justiça, portador de uma universalidade; aquele que se torna uma consciência para todos, está desaparecendo, e em seu lugar aparece a universidade e o intelectual denominado “específico” – específico para as lutas políticas particulares que envolvem o seu conhecimento e perícia.

---

<sup>21</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006. p. 81.

<sup>22</sup> RAJCHMAN, J. *Foucault: a Liberdade da Filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 13-14.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

## Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

O intelectual era por excelência o escritor: consciência universal, sujeito livre, opunha-se àqueles que eram apenas competências a serviço do Estado ou do Capital (engenheiros, magistrados, professores). Do momento em que a politização se realiza a partir da atividade específica de cada um, o limiar da escritura como marca sacralisante do intelectual desaparece (...) assim, os magistrados e os psiquiatras, os médicos e os assistentes sociais, os trabalhadores de laboratório e os sociólogos podem, em seu próprio lugar e por meio de intercâmbios e de articulações participar de uma politização global dos intelectuais<sup>23</sup>.

Desse modo, a figura em que se concentram as funções e os prestígios deste novo intelectual, não é mais a do escritor genial, mas a do cientista absoluto, não mais aquele que impunha sozinho os valores de todos, que se opõe ao soberano e aos governantes injustos, e faz ouvir seu grito até na imortalidade; é aquele que detém, com alguns outros, a serviço do Estado ou contra ele, poderes que podem favorecer ou matar definitivamente a vida. Ou seja, os intelectuais técnicos estão substituindo os literatos.

As críticas desenvolvidas por Foucault a categoria de autor como sujeito fundador de uma obra e responsável por todo significado que ela carrega, também se fazem notar, na defesa desenvolvida pelo filósofo ao direito de anonimato quando se trata de escrever. O tema do anonimato foi discutido por Foucault em uma entrevista intitulada “O Filósofo Mascarado” concedida em janeiro de 1980 ao jornal francês *Le Monde*, sob a condição de que sua identidade não fosse revelada, ele evita que as palavras ditas rebatessem automaticamente sobre o seu nome. Foucault justifica sua posição:

(...) estando o cenário intelectual sob o domínio da mídia, as estrelas prevalecendo sobre as idéias e o pensamento como tal não sendo mais reconhecido o que se diz conta menos do que a personalidade daquele que fala. (...) É preciso então, para romper com esses efeitos perversos e tentar fazer ouvir uma palavra que não possa ser banalizada em função do nome de quem ela procede, decidir-se a entrar no anonimato<sup>24</sup>.

Segundo o jornalista responsável pela entrevista, não foi fácil convencer o *Le Monde*, que almejava uma entrevista com o filósofo Michel Foucault, a aceitar um texto de “ninguém”, se deparando com a impossibilidade de promover o autor da entrevista. Tal fato revelou com clareza, o quanto à aversão ao anonimato perpassa boa parte da produção cultural contemporânea. Muitas vezes, aliás, o anonimato significa fracasso desemprego e solidão. Mas, é interessante destacarmos o quanto à idéia de uma entrevista anônima pode desencadear para quem lê reflexões importantes sobre as maneiras pelas quais cada um se relaciona com o conhecimento.

<sup>23</sup> FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 19ª ed. Rio de Janeiro, editora Graal, 2004b. p. 9.

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. O Filósofo Mascarado. In: *Arqueologia da Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II*. Org. Manoel Barros de Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 301.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

A escolha do anonimato é para Foucault um modo de se dirigir ao eventual leitor: “já que você não sabe quem eu sou você não terá a tentação de procurar os motivos pelos quais eu digo o que você lê.”<sup>25</sup>. O filósofo chega a propor uma brincadeira, “a do ano sem nome”, na qual durante um ano os livros seriam editados sem o nome do autor, assim os críticos teriam que se virar com uma produção anônima, ou talvez eles não tivessem nada a dizer, os autores esperariam até o ano seguinte para publicarem os seus livros.

Um outro momento em que Foucault parte em defesa do anonimato é quando escreve um novo prefácio para a reedição de sua obra primogênita *História da Loucura na Idade Clássica*<sup>26</sup>. Trata-se de um prefácio bem diferente dos que costumamos encontrar na maioria das vezes, pois a idéia de escrever prefácios já não agrada mais ao filósofo, devido às consequências que estes podem acarretar a uma obra. Na realidade ele desenvolve nesse prefácio uma breve reflexão sobre a função do prefácio, chegando a questionar sua utilidade.

Segundo Foucault, para quem escreve um livro é muito tentador legislar sobre todo esse resplandecer de simulacros, prescrever-lhe uma forma, carregá-los com uma identidade, impor-lhes um marca que daria a todos um certo valor. Assim, escrever um prefácio seria o ato primeiro do estabelecimento da soberania do autor.

Sou o autor: observem meu rosto ou o meu perfil; é a isso que deverão assemelhar-se todas essas figuras duplicadas que vão circular com meu nome (...) minha intenção deverá ser seu preceito, leitor; sua leitura, suas análises, suas críticas se conformarão àquilo que pretendi fazer<sup>27</sup>.

Preocupado com o risco de que uma obra possa ser determinada a partir de seu prefácio ou biografia do seu autor. Foucault adverte aos seus leitores:

Gostaria que esse objeto-evento, quase imperceptível entre tantos outros, se recopiasse, se fragmentasse, de repetisse, se simulasse, se desdobrasse, desaparecesse enfim sem que aquele em que aconteceu escrevê-lo pudesse alguma vez reivindicar o direito de ser seu senhor, de impor o que queria dizer, ou dizer o que o livro devia ser<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> FOUCAULT, M. O Filósofo Mascarado. In: *Arqueologia da Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II*. Org. Manoel Barros de Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 301.

<sup>26</sup> Ver: FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva S.A. 2004a.

<sup>27</sup> FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva S.A. 2004a. p. VIII.

<sup>28</sup> FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva S.A. 2004a. p. VIII.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------

---

 Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault

Desse modo, Foucault finaliza seu mais breve prefácio, da única maneira que a partir de então ele acredita ser possível. Ou seja, solicitando a supressão do antigo prefácio dessa obra. Ao terminar o filósofo se assusta “– Mas você acaba de fazer um prefácio! –Pelo menos é curto”<sup>29</sup>.

Enfim, podemos destacar que o objetivo maior de Foucault continua sendo descentrar o homem, o autor, o sujeito, o locutor, e ao mergulhá-los nas regularidades discursivas, anunciar uma nova era, aquela no decorrer da qual se poderá escrever, evitando ter um rosto, a era do pleno exercício da liberdade de escrita.

### Referências bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. O Filósofo Mascarado. In: *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Ditos e Escritos II*. Org. Manoel Barros de Mota. Trad. Elisa Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António F. Cascais e Eduardo Cordeiro. 6ª ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva S.A. 2004a.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 19ª ed. Rio de Janeiro, editora Graal, 2004b.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- RAJCHMAN, John. *Foucault: a Liberdade da Filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

---

<sup>29</sup> FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. 7ª ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: editora Perspectiva S.A. 2004a. p. VIII.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 2	Novembro 2011	p. 123-132
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	------------